



Faculdade  
**SANT'ANA**

## **A interface entre os conceitos psicológicos de Tendência Atualizante e Processo de Individuação**

Edson Fadel Filho<sup>1</sup>

Tobias Dáttola Miléo Baitala<sup>2</sup>

Daniely Dias Pacheco<sup>3</sup>

**Resumo:** Sustentados na hipótese de que, ao estudar fenômenos do psiquismo humano, diferentes autores de diversas Abordagens Teóricas da Psicologia, tenham criado e venham a criar conceitos que apresentem similaridades entre si, ainda que pertençam à teorias distintas, este artigo busca investigar se existe ou não semelhanças entre o significado epistemológico dos conceitos de Tendência Atualizante de Carl Rogers e de Individuação de Carl Gustav Jung. A metodologia se deu através de revisão bibliográfica do referencial teórico relativo a estas temáticas, abordando demais conceitos necessários à compreensão do assunto em questão e à obtenção das respostas ao problema de pesquisa. As respostas encontradas foram da existência de semelhanças entre os conceitos psicológicos, após a análise dos dados levantados.

**Palavras-chave:** Semelhanças; Tendência Atualizante; Individuação.

### **1 INTRODUÇÃO**

Durante a produção desta revisão bibliográfica de dois dos maiores nomes da Psicologia houve o aprofundamento de determinados conceitos. Estes conceitos são, a Individuação, de Carl G. Jung e a Tendência Atualizante de Carl R. Rogers. Explorando de maneira clara estes conceitos, unidos às teorias que os contemplam, buscou-se interfaces que tenham o poder de demonstrar semelhanças ou diferenças entre eles.

A ideia inicial ao discorrer sobre o tema foi clarear estes conceitos com a finalidade de tornar mais fácil, especialmente a quem os estiver estudando pela

---

<sup>1</sup>Acadêmico de Psicologia da Faculdade Sant'Ana. psico.edson@hotmail.com

<sup>2</sup>Acadêmico de Psicologia da Faculdade Sant'Ana. tobias.dmb@hotmail.com

<sup>3</sup>Mestre em Educação. Especialista em Psicopedagogia. Graduada em Psicologia pela PUC – PR. Docente de Psicologia da Faculdade Sant'Ana. psicologadaniely@gmail.com

primeira vez compreender, por exemplo, o modo como na prática da clínica psicológica conceitos de diferentes teorias podem ocorrer de modo semelhante. Esta pesquisa não tem a pretensão de juntar duas teorias diferentes em apenas uma, mas sim esclarecer pontos em comum que ambas possam apresentar.

Além disso, mostrou-se a necessidade de tentar demonstrar que a prática da Psicologia vai além de postulações teóricas rígidas, e que é possível se chegar à objetivos semelhantes através de caminhos diversos, cuja diferença maior pode estar na nomenclatura das suas especificações e teorias.

O problema de pesquisa, cuja pergunta norteou os pesquisadores durante a realização deste artigo, foi: Existem interfaces entre os conceitos de Tendência Atualizante e Processo de Individuação?

A justificativa encontrada para a realização desta pesquisa foi de que o entendimento e reconhecimento da Tendência à Atualização e do Processo de Individuação a serem explicitados no trabalho, pode prover uma maior confiança do terapeuta para com seus pacientes. Tal confiança, levará mais liberdade e abertura para que o cliente<sup>4</sup> adquira mais autonomia dentro processo terapêutico, fazendo com que o paciente seja parte tão importante dentro do processo quanto o próprio terapeuta, saindo assim de uma postura hierárquica dentro do contexto da psicoterapia, transformando-o em um agente ativo tanto quanto o ambiente terapêutico em que deverá estar inserido. Sabe-se que este posicionamento apresentado também por Jung é compartilhado por diversos autores, inclusive de diferentes abordagens como a humanista e as fenomenológicas.

O que visio é produzir algo de eficaz, é produzir um estado psíquico, em que meu paciente comece a fazer experiências com seu ser, um ser em que nada mais é definitivo nem irremediavelmente petrificado; é produzir um estado de fluidez, de transformação e de vir a ser (JUNG, 2013, p.59).

Outro motivo que levou os pesquisadores a escolherem tal tema foi o interesse pessoal despertado em um trabalho da disciplina de Abordagem Terapêutica com ênfase em Humanismo, que trazia questões sobre o conceito de Tendência Atualizante.

---

<sup>4</sup> Compreende-se “Cliente” como a definição humanista para o sujeito em terapia; Em toda via, compreende-se “Paciente” como a definição analítica para o sujeito em terapia.

Nesta perspectiva, como objetivo geral desta pesquisa, estabeleceu-se investigar os conceitos de Tendência Atualizante, de Carl Rogers e do processo de Individuação, de Carl Jung, buscando por possíveis semelhanças entre os mesmos. E como objetivos específicos, buscou-se:

- Identificar os conceitos de Tendência Atualizante e Individuação no corpo teórico produzido pelos autores em questão;
- Descrever as principais ideias trazidas pelos conceitos referidos;
- Abordar os demais pontos teóricos necessários para explica-los e analisar as possíveis interfaces entre eles.

Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, investigou as fontes primárias dos autores Carl Rogers e Carl G. Jung as referências necessárias. Visto ser uma revisão bibliográfica com objetivo específico delineado, não sendo revisada toda a extensão de suas obras, mas apenas aquilo que possui relação direta ao tema desta pesquisa. Foram utilizadas também fontes secundárias a partir de uma base de dados textual, para buscar uma ampliação na exploração destes temas.

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso. [...] Praticamente toda pesquisa acadêmica requer em algum momento a realização de trabalho que pode ser caracterizado como pesquisa bibliográfica. Tanto é que, na maioria das teses e dissertações desenvolvidas atualmente, um capítulo ou seção é dedicado à revisão bibliográfica, que é elaborada com o propósito de fornecer fundamentação teórica ao trabalho, bem como a identificação do estágio atual do conhecimento referente ao tema. (GIL, 2010, p.29)

Acredita-se, portanto que com as condições apropriadas, ou seja, acesso facilitado às fontes de pesquisa necessárias, a metodologia definida tende a permitir uma ampla exploração da temática.

O referencial teórico por sua vez, trouxe boas condições de entendimento sobre conceitos que de alguma maneira são relevantes para a conclusão dos objetivos, buscando de forma organizada explorá-los e contextualiza-los. A partir da construção teórica sobre o que cada autor escreveu, existiu a possibilidade de alcançarmos as considerações finais realizadas sobre a pesquisa.

## 2 DISCUSSÃO

A pessoa enquanto ser passa durante sua vida por diversas situações que exigem transformação, readaptação e evolução.

[...] sob novas condições de vida, uma determinada espécie pode mudar seus hábitos, transformando-os em algo completamente novo, e que estes hábitos diferem de seus congêneres. (DARWIN, 2009, p. 225).

No que refere-se à psique humana, diversos teóricos exploram situações de reestruturação e adaptação do *Self*. Foram colocados nesta pesquisa, os conceitos de Tendência Atualizante, de Carl R. Rogers e do Processo de Individuação, de Carl G. Jung.

Tais conceitos demonstram, em uma dimensão psíquica, social e comportamental, a readaptação supracitada, a partir da qual parâmetros na vida do sujeito que está passando por esta readaptação se transformam para a possibilidade de sobreviver à determinadas situações que venham a exigir a reestruturação.

Quando se compara a imagem inicial do “Eu” com as descrições que ocorreram antes da terapia, verifica-se que, depois do processo terapêutico, o cliente se sente modificado de muitas formas. Tem mais confiança e segurança de si, se compreende melhor, sente maior tranquilidade interior e tem relações mais confortáveis com o outro. (ROGERS, 2009, p. 270.)

Partindo das palavras de Rogers, é possível que a modificação decorrente da terapia seja percebida no *Self* do cliente, a partir daquilo que foi observado em momento posterior em suas descrições, ao compará-los com o que se fez observável ao fim da terapia.

Antes disso, irá se contextualizar historicamente os dois autores, para que se possa conhecê-los melhor.

### 2.1 Histórico

Carl R. Rogers nasceu na cidade de Oak Park, estado de Illinois (região centro-oeste dos Estados Unidos), em 08 de Janeiro de 1.902. Dentre sua trajetória acadêmica, frequentou os cursos de psicologia clínica e psicopedagogia, pela University Of Columbia Teacher's College. Obteve seu

grau de mestre em 1.928, conseguindo também posteriormente o grau de Doutor, em 1.931.

Experienciou<sup>5</sup> durante sua carreira profissional o processo de Tendência Atualizante, onde a partir da vivência deste processo, passou a compreender melhor não apenas seus benefícios para si, bem como para todos a quem este é aplicável.

Uma maneira breve para descrever a mudança que em mim foi efetuada, seria dizer que nos primeiros anos de minha carreira profissional, me questionava de tal forma: Como posso tratar, curar ou mudar esta pessoa? Agora, eu enunciaria a questão desta maneira: como posso proporcionar uma relação que essa pessoa possa utilizar para seu próprio crescimento pessoal!? (ROGERS, 2009, p. 36)

Rogers escreveu em 1.939 seu primeiro livro, intitulado O tratamento Clínico na Criança Problema, o que motivou a universidade de Ohio à contratá-lo como professor responsável por “Técnicas de Psicoterapia”. Recebeu grande reconhecimento, ao ter sido eleito presidente da Associação Americana de Psicologia (1.946) e também da Academia Americana de Psicoterapeutas (1.956). Publicou entre 1.945 e 1.957 o resultado de diversas experiências, entre eles o livro que contém de maneira mais formalizada a prática da Abordagem Centrada na Pessoa, Terapia Centrada no Cliente (1.951).

Dedicou a época final de sua vida à intervenção no campo social, elaborando portanto o livro Poder Pessoal (1.977). Tal situação, permitiu a Rogers uma compreensão diferenciada da sociedade, buscando promover a aceitação transcultural em um esforço pela paz, o que o rendeu, em 1.987 a indicação ao Prêmio Nobel da Paz. Rogers faleceu aos 85 anos, no dia 04 de fevereiro de 1.987.

Carl Gustav Jung nasceu em Kesswil, Suíça, em 26 de julho de 1875. Quando tinha quatro anos, seus pais se mudaram para a Basileia, na época um dos maiores centros culturais da Europa.

Desde criança, era muito questionador, nunca se dando por satisfeito com as respostas prontas que recebia. Contestava muito a atitude passiva e estagnada de seu pai, pastor protestante, que se contentava com sua

---

<sup>5</sup> Consideramos neste contexto que a experiência é o processo pelo qual o Self compreenderá a ação do mundo externo no eu do sujeito.

condição, sem buscar resolver seus questionamentos pessoais(SILVEIRA, 1981).

No ano de 1900, Jung se formou em medicina, com especialização em psiquiatria, e mudou-se para Zurique, para ser assistente de Eugen Bleuler, no Hospital Burgholzli, onde iniciou suas pesquisas acerca da estrutura psíquica por trás da esquizofrenia, através do método da associação verbal como exploração do inconsciente, o que culminou na descoberta dos complexos afetivos (SILVEIRA, 1981).

Ao longo de sua carreira, teve uma constante evolução em sua construção teórica, mergulhando progressivamente nas instâncias inconscientes, partindo de pesquisas mais palpáveis, sua relação intensa e produtiva com Freud (sendo ele o primeiro presidente da Associação Internacional de Psicanálise), e posterior rompimento, indo em direção a estudos profundos da arte, mitologia, religião e alquimia, em uma postura de pensador livre, sem prender-se a postulações metodológicas fixas(SILVEIRA, 1981).

O principal objeto de estudo de Jung era ele mesmo, através de experiências internas e análise dos próprios sonhos, que foram ilustradas em seu Livro Vermelho (2014). Enquanto pesquisador da psique buscou constructos em diversos campos do conhecimento (SILVEIRA, 1981).

Como afirma Silveira (1981, p. 11):

Atento aos fenômenos que se desdobravam no íntimo de si próprio, apreendeu o fio e a significação do curso que tomavam, verificando que outra coisa não acontecia senão a busca da realização da personalidade total.

Ou seja, antes de visualizar o processo de individuação em algum paciente, Jung o percebeu ocorrendo em si próprio.

C.G.Jung morreu no dia 6 de junho de 1961, aos 85 anos, em sua casa em Bollingen – Suíça.

Conhecendo melhor os contextos históricos no qual ambos os autores estão inseridos, é importante esclarecermos os conceitos, para então posteriormente cumprirem-se os objetivos.

## 2.2 Conceitos relevantes dentro da Psicologia Humanista

Antes de mais nada, para que a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) seja compreendida apropriadamente, é necessário apontar algumas de suas caracterizações com mais afinco.

Definindo o modelo de terapia da ACP como Não-Diretivo<sup>6</sup>, o que se observa de maneira mais evidente é a humanização da psicoterapia, contrariando o modelo médico-diretivo seguido pela psicanálise de outrora. Podemos observar este novo paradigma de não diretivismo também a partir dos conceitos que criam um ambiente facilitador, onde o cliente é colocado como igual na terapia.

O importante nesta psicoterapia não é a ausência de diretivas, mas a presença, no terapeuta, de certas atitudes em face do cliente e de uma certa concepção das relações humanas (KINGET, ROGERS, 1997, vol. 1, p. 27)

Torna-se importante compreender que além de uma teoria, a ACP é especialmente uma postura terapêutica, tornando fundamental a compreensão não apenas de sua **visão de “eu”**, mas também de alguns conceitos como a **percepção individual do Self** e a noção de **ambiente facilitador**.

O que a ACP promove é uma reestruturação do sujeito, a partir de um clima facilitador. O que, porém, constitui o clima facilitador? Fez-se necessária a observação de três pontos distintos, sendo eles instituídos como autenticidade, aceitação incondicional e compreensão empática.

Os indivíduos possuem, dentro de si, diversos recursos que permitem a auto compreensão e a modificação de seus próprios conceitos, atitudes e comportamentos autônomos. Tais recursos poderão ser ativados, contanto que o indivíduo tenha clima passível de definição, de atitudes psicológicas facilitadoras (ROGERS, 2014, p. 38).

- **Autenticidade:** Também conhecido como congruência, a autenticidade visa colocar o terapeuta sem resistências perante o cliente.

Para o terapeuta, o que o cliente vive, pode tornar-se consciente, vivido na relação e comunicado se conveniente. Dá-se grande congruência entre a vivência em nível profundo, o que está presente na consciência e o que está sendo expresso pelo cliente (ROGERS, 2014, p. 38)

---

<sup>6</sup>Caracterizamos o “Não-diretívismo” neste contexto como um modelo de terapia não hierárquico, a partir do qual o cliente e terapeuta agirão em conjunto.

- **Aceitação incondicional:** Considerando o cliente enquanto um sujeito de inconstância, no momento da terapia, cabe ao terapeuta aceitar esta inconstância, por maior que ela seja, visando que ocorra movimento terapêutico.

O terapeuta deseja que o cliente expresse os sentimentos que lhe ocorrem no momento, afinal seu interesse não é possessivo. A sua aceitação não é condicional, mas sim integral (ROGERS, 2014, p. 39)

- **Compreensão empática:** Podendo ser, por outros teóricos, chamado de *insight*, a compreensão empática é a percepção do que o cliente leva até o terapeuta, de maneira comportamental, emocional e a significação dada pelo cliente para determinadas situações.

Este tipo de escuta ativa e sensível é extremamente rara. Pensamos ouvir, porém raramente ouvimos e compreendemos, de maneira empática realmente. Faz-se, no entanto, uma das forças motrizes mais poderosas que conheço, essa maneira de ouvir (ROGERS, 2014, p. 39)

Partindo destas condições, existe a possibilidade de que seja observada a abordagem centrada na pessoa de fato agindo, não apenas em um conceito, mas sim diversos, que poderão ser uma fonte curadora para o sujeito em terapia. Tendo, portanto, o clima facilitador, cabe-nos o papel de investigar quem seria o sujeito, ou *Self*, de Rogers.

Temos de considerar a vivência das experiências, tão amplamente estudada durante suas obras, como uma parte do ser, mas não como algo constante e imutável. Pelo contrário, temos uma forma em contínua construção, transformada a partir das experiências de vida do sujeito, ou seja:

Cada vez mais, o cliente torna-se a si próprio – não como fachada de conformidade aos outros, frente de racionalidade intelectual – e sim, uma pessoa, que sente, respira e oscila (ROGERS, 2009, p. 129).

Para construir a noção de “eu” dentro da filosofia criada por Rogers, temos de considerar que o “eu” será fruto da vivência das suas experiências, tomando suas percepções, e modificando-se a partir do que passou. Classifica-se também que o “eu” neste caso é acessível à consciência, visto que os planos percebidos pelo sujeito serão frutos de uma abstração sobre a experiência em si.



Na relação de confiança, o cliente pode permitir-se examinar diversos aspectos. Analisá-los a partir do conceito existente de eu, apreendidos através do sistema sensorial e visceral. Muitos desses aspectos revelam-se em extrema contradição com o conceito de eu e não poderiam ser experimentados de maneira plena fora da relação de confiança do terapeuta com seu cliente. Porém, dentro dela, permite-se o cliente a manifestar na consciência sem que estes aspectos sofram deformação. (ROGERS, 2009, p. 88)

Cabe aqui acrescentar que a experiência enquanto observável de fora vai ser uma, e a experiência simbolizada pelo indivíduo vai ser outra. Em momento algum o autor deixa específico em que ponto as experiências serão objetivas ou subjetivas, porém admite que a simbolização destas experiências existe, e pode levar a outras experiências.

A noção da simbologia correta nos diz que as hipóteses implicitamente presentes na consciência serão confirmadas se postas à prova, tendo porém de serem percebidas pelo “eu” (KINGET, ROGERS, 1977, vol. 1, p. 163)

A percepção das experiências vividas pelo sujeito e que formarão o “Eu”, têm de ser colocadas em pauta, visto que:

A nosso ver, a percepção é uma hipótese (prognóstico) que emerge na consciência, em resposta à ação excitatória que atua sobre o sujeito, referindo-se a certas operações verificáveis (KINGET, ROGERS, 1977, vol. 1, p. 164)

A relação presente entre as percepções conforme descritas por Rogers e o conceito estudado posteriormente, de Tendência Atualizante, é a construção de autoconfiança para o processo de atualização.

Na medida em que haja maior confiança na abertura experiencial, os dados tornam-se mais experienciais. Nos mais experienciais, há menos temor, menos imposição, menos controle, menos rigidez. (CAVALCANTE, SOUSA, 2008, p. 110)

Os conceitos de **percepção individual**, **clima facilitador** e **Self** apresentados dizem portanto respeito a uma virtude que tem relação direta com a vida e o viver em seu aspecto mais profundo. Estar em contato com o mundo e suas potências. Isso deve ser visado na prática clínica, levando o paciente a estar nesse constante movimento e relação com a totalidade, tornando-os importantes para a compreensão do conceito a seguir, de Tendência Atualizante.

### 2.3 O Conceito de Tendência Atualizante

Após contextualizar o clima facilitador, e o sujeito para Rogers, cabe definir a Tendência Atualizante.

Ao considerarmos a Tendência Atualizante enquanto processo inerente ao ser, trazemos este conceito à totalidade do indivíduo, o que fará com que este processo seja ao mesmo tempo universal colocado, portanto a toda a espécie, porém individual, pois obedece restrições e potencialidades tanto do indivíduo em si, quanto do meio que o cerca.

A tendência à atualização é a mais fundamental do organismo. Preside o exercício de todas as funções, tanto físicas quanto experienciais. Visa constantemente desenvolver as potencialidades do indivíduo para assegurar sua conservação e seu enriquecimento. (KINGET, ROGERS, 1977, vol. 1, p. 41)

O processo de Tendência Atualizante por sua vez, busca tornar a pessoa o seu próprio “Eu”, a partir do qual diversos aspectos na vida serão encarados de uma maneira diferente. A viabilidade de explorar o que está por trás das máscaras que o cliente demonstra para o mundo aparece dentro do *setting* terapêutico, ampliando a própria confiança e unidade do “Eu”. A esse respeito, Rogers (2009, p. 130), afirma:

Não é suficiente dizer que ele deixou cair as fachadas. Quem se torna o “Eu”? Como um dos fatos mais evidentes, é que cada indivíduo torna-se único e distinto.

Compreendeu-se durante esta pesquisa que a tentativa de mascarar o próprio “Eu”, não condiz necessariamente com uma situação em específico, mas sim com uma gama de emoções e atitudes do cliente, que deve ser compreendida como uma situação natural, demonstrando as situações vivenciadas pelo cliente no seu dia-a-dia. Esta situação começa a ser contornada, a partir do momento em que o terapeuta e cliente desenvolvem a relação saudável de respeito, permitindo ao cliente total liberdade.

É meu propósito compreender a maneira como se sente em seu próprio mundo interior, aceita-la como ela é, criar uma atmosfera de liberdade na qual ela possa se mover, pensar, sentir, ser, em qualquer direção que desejar. Como ela usa sua liberdade? Em minha experiência, para tornar cada vez mais a ela mesma. (ROGERS, 2009, p. 123)

Há de se considerar que existem mecanismos de defesa do eu para preservar a direção já seguida pela personalidade. Um destes mecanismos, é a

compreensão da auto regulação, em que a atualização-vital, ou seja, a atualização experienciada pelo sujeito possui uma normativa diferente da idealização criada pelo sujeito para esta reestruturação.

Quando, por diversos fatores, a incongruência<sup>7</sup> é reduzida, a auto regulação passa a se alinhar ao processo em movimento da tendência atualizante, apresentando de maneira mais fluída a sensação cabal. (CAVALCANTE, SOUSA, 2008, p. 103)

Ainda sobre os mecanismos de defesa, foi escrito por Carl Rogers, que:

Conforme vejo a situação hoje, estava descascando camada após camada de defesas. Eu as construía, as experimentava e então descartava quando permanecia o mesmo. Não havia como saber o que estava no fundo, e estava com medo de descobrir. (ROGERS, 2009, p. 125)

Naturalmente, o processo de Tendência Atualizante apesar de inerente, depende de suas condições. Portanto, apenas considerando o sujeito em sua totalidade, com os conceitos descritos de “Eu”, percepção de “Eu” e clima facilitador, tem-se a chance de uma alteração efetiva na vida do cliente.

## **2.4 Conceitos relevantes dentro da Psicologia Analítica**

Pensando na prática da psicoterapia dentro da abordagem Analítica, tem-se também uma postura de abertura para que o paciente trilhe seu próprio caminho, sendo o psicólogo alguém que passa pelos mesmos processos que o paciente. Ou seja, a personalidade do analista está em jogo no setting terapêutico. Até por este fato, Jung defendia que o analista também deveria estar sempre em processo de análise.

Na psicoterapia, o psicólogo irá fazer a função de mediador do diálogo do ego consciente do paciente com seu inconsciente. Este diálogo é denominado por Jung (2000) de Função Transcendente, e se dá pelo vínculo transferencial<sup>8</sup>, que é construído ao longo das sessões, onde o paciente, através da confiança e liberdade de expressão para com o terapeuta terá cada vez mais possibilidades de expor suas questões e trabalha-las. (JUNG, 2013)

---

<sup>7</sup> Compreende-se a incongruência colocada neste contexto como a diferença trazida pelo Self do sujeito, e as máscaras que ele apresenta dentro da terapia em um primeiro momento.

<sup>8</sup> Afetos e imagens inconscientes do paciente que são transferidos para a pessoa do psicólogo (JUNG, 2013).

Deste diálogo entre o consciente e o inconsciente, produz-se uma personalidade mais inteira:

É o velho jogo do martelo e da bigorna. O ferro que padece entre ambos é forjado num todo indestrutível, isto é, num *individuum*. (JUNG, 2014, p. 288).

O inconsciente para Jungé uma instância autônoma e criativa, que age sobre o indivíduo e o influencia das mais diversas formas. Indo além da noção de inconsciente como apenas um depósito de conteúdos reprimidos ou esquecidos, num sentido estritamente individual. Jung propôs o inconsciente coletivo, como algo herdado, comum a toda a humanidade e que transcende o pessoal.

Diante destes fatos devemos afirmar que o inconsciente contém, não só componentes de ordem pessoal, mas também impessoal, coletiva, sob a forma de *categorias herdadas* ou arquétipos. Já propus antes a hipótese de que o inconsciente, em níveis mais profundos, possui conteúdos coletivos em estado relativamente ativo; por isso o designei *inconsciente coletivo* (JUNG, 2008, p. 24).

O inconsciente muitas vezes nos direciona a algo de forma involuntária da perspectiva consciente, perpassando a atitude do ego. Logo, quanto mais se está em contato com o inconsciente, mais autêntica e plena é a existência.

Acentuamos, portanto, que, além do material reprimido, o inconsciente contém todos aqueles componentes psíquicos subliminais, inclusive as percepções subliminais dos sentidos. Sabemos, além disso, tanto por uma farta experiência como por razões teóricas, que o inconsciente também inclui componentes que ainda não alcançaram o limiar da consciência. Constituem eles as sementes de futuros conteúdos conscientes. Temos igualmente razões para supor que o inconsciente jamais se acha em repouso, no sentido de permanecer inativo, mas está sempre empenhado em agrupar e reagrupar seus conteúdos. Só em casos patológicos tal atividade pode tornar-se completamente autônoma; de um modo normal ela é coordenada com a consciência, numa relação compensadora. (JUNG, 2008, p.14)

Objetiva-se trazer à tona a personalidade do paciente como um todo, em todos os seus aspectos, e assim possibilitando que ele se torne cada vez mais ativo no processo terapêutico. Como afirma Jung(2013, p. 38):

Porém, à medida que a personalidade própria do doente vai emergindo, também vai sendo possível solicitar uma maior colaboração sua.

Deste modo, percebe-se que a contribuição do paciente na psicoterapia é essencial na abordagem junguiana. O objetivo é que com a evolução do

processo psicoterapêutico o paciente, entrando em contato consigo mesmo, vivencie o Processo de Individuação, que será explorado no capítulo a seguir.

## 2.5 O Processo de Individuação

Nas palavras de Jung sobre a Individuação: “Uso o termo “individuação” no sentido do processo que gera um “*individuum*” psicológico, uma unidade indivisível, um todo” (JUNG, 2014, p. 275).

O Processo de Individuação pode ser definido, segundo Marie Louise Von Franz, grande discípula de C.G Jung, como uma tendência reguladora ou direcional oculta, gerando um processo lento e imperceptível de crescimento psíquico. (VON FRANZ in: JUNG, 2008).

Este crescimento psíquico leva o individuo a tornar-se Si Mesmo, como um ser singular e unificado psiquicamente (JUNG, 2014).

A individuação, portanto, só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é. (JUNG, 2008, p. 61)

Porém, para que esse processo realmente aconteça, é necessário confrontar-se com si mesmo, num intenso trabalho de autoconhecimento e abertura para as diferenças. Esse trabalho pode ser potencializado através da psicoterapia, com análise dos conteúdos psíquicos do indivíduo, numa construção conjunta entre paciente e terapeuta(JUNG, 2013).

Basicamente, no processo de Individuação, ocorre um diálogo entre o consciente e o inconsciente. Trazendo à luz da consciência conteúdos do inconsciente pessoal e coletivo. Quanto mais ocorre a integração de aspectos até então inconscientes, mais o processo avança. A Individuação não se dá de forma linear, mas em movimento de circunvolução (SILVEIRA, 1981).

Pelo fato de o processo ser individual e ter uma propensão à totalidade, isso pode nos direcionar ao Self (Si Mesmo), conceito postulado porJung, e que, segundo o autor, é o grande motor das tendências de crescimento e desenvolvimento do indivíduo, indo além da dimensão limitada do ego, que percebe apenas parte da realidade(JUNG, 2014).

Para Jung, o Self é ao mesmo tempo o centro da psique e sua totalidade. Podendo ser chamado também de “Si Mesmo”, que se direciona para a totalidade psíquica, sendo o ordenador e propulsor desta (JUNG, 2008).

É o arquétipo<sup>9</sup> do Si Mesmo (Self) que irá nos impulsionar justamente como um instinto, que conseqüentemente torna-se uma tendência ao desenvolvimento pleno de todas as potencialidades implícitas em cada pessoa. Congregando todos os aspectos psicológicos e direcionando-os para frente (JUNG, 2014).

No caso da Individuação, quanto mais os conteúdos inconscientes estiverem integrados à consciência, mais o Processo evolui. Produzindo um estado de abertura à experiência, tirando o indivíduo de um estado de rigidez psíquica e estagnação (JUNG, 2013).

A colaboração do inconsciente é sábia e orientada para a meta, e mesmo quando se comporta em oposição à consciência, sua expressão é sempre compensatória de um modo inteligente, como se estivesse tentando recuperar o equilíbrio perdido. (JUNG, 2014, p.281)

Esse trabalho é possível através do fortalecimento do ego, podendo ser entendido como um renascimento do mesmo, que poderá dialogar com o inconsciente em uma nova perspectiva e atitude. Esse renascimento é feito por via da imagem, do simbólico (JUNG, 2014).

Estes conteúdos inconscientes muitas vezes se apresentam na forma de sintomas, e na maioria dos casos, o que motiva o indivíduo a buscar a psicoterapia é o sintoma.

Jung entendia o sintoma como parte da atividade auto reguladora da psique e como parte do processo de individuação, representando uma reestabilização da atividade psíquica do indivíduo, e assim sendo singular a este. O sintoma, a doença vem como um sinal de que o processo adaptativo do indivíduo não está se dando da forma que deveria estar (JUNG, 2000).

Deste modo, o sintoma é pensado como agente do Processo de Individuação e este já estando vigente, visto que o sintoma surgiu não por escolha do indivíduo, mas inconscientemente como uma tendência inerente a ele quando necessário.

---

<sup>9</sup>Imagens primordiais do inconsciente coletivo. Elemento estrutural da psique. Formas típicas de comportamento (JUNG, 2000)

Não se deveria procurar saber como liquidar uma neurose, mas informar-se sobre o que ela significa, o que ela ensina, qual sua finalidade e sentido. Deveríamos aprender a ser-lhe gratos, caso contrário teremos um desencontro com ela e teremos perdido a oportunidade de conhecer quem somos. Uma neurose estará realmente "liquidada" quando tiver liquidado a falsa atitude do eu. *Não é ela que é curada, mas ela que nos cura.* A pessoa está doente e a doença é uma tentativa da natureza de curá-la. (JUNG, 2000, p. 160)

Vê-se, portanto, que sintoma deve ser percebido como símbolo, e sendo assim, integrador. Perceber a função do sintoma, e o que ele traz em relação à Individuação se faz importante.

O Processo de Individuação não pode ser considerado como evolucionista, mas construtivista, visto que não necessariamente indica uma evolução no sentido literal da palavra, mas um processo que leva à construção e afirmação do indivíduo como o é. E por ser uma questão de autenticidade e singularidade, não se encaixa em convenções sociais, com o que a sociedade considera como uma melhora, mas é uma afirmação do eu singular. Foge dos padrões da coletividade. Não é o desenvolvimento do ego, mas da totalidade psíquica do indivíduo(JUNG, 2008).

Isso não indica individualismo, visto que durante o processo de desenvolvimento se dá também a integração de conteúdos impessoais, do inconsciente coletivo, o que leva a um senso maior de coletividade e de pertencimento ao meio social(JUNG, 2008).

Cada rosto humano tem um nariz, dois olhos, etc, mas tais fatores universais são variáveis e é esta variabilidade que possibilita as peculiaridades individuais. A individuação, portanto, só pode significar um processo de desenvolvimento psicológico que faculte a realização das qualidades individuais dadas; em outras palavras, é um processo mediante o qual um homem se torna o ser único que de fato é. Com isto, não se torna "egoísta", no sentido usual da palavra, mas procura realizar a peculiaridade do seu ser e isto, como dissemos, é totalmente diferente do egoísmo ou do individualismo. (JUNG, 2008, p.60)

Porém, como no Processo de Individuação as projeções<sup>10</sup> são gradativamente extintas, a relação com o meio se dá de forma mais verdadeira, isenta destas projeções que muitas vezes se confundem com algo de bom para a sociedade, mas sim como tendo o indivíduo projetado algo seu no outro, ele está visando o bem a si mesmo, e não ao outro. Quando esta projeção é

---

<sup>10</sup> Mecanismo de defesa onde o conteúdo inconsciente reprimido pelo indivíduo é de projetado em outra pessoa(JUNG, 2000).

atenuada e o indivíduo percebe que o conteúdo psíquico na verdade está em si mesmo, conseqüentemente ele terá relações interpessoais mais autênticas(JUNG, 2008).

É importante para a meta da individuação, isto é, da realização do si-mesmo, que o indivíduo aprenda a distinguir entre o que parece ser para si mesmo e o que é para os outros. É igualmente necessário que conscientize seu invisível sistema de relações com o inconsciente, ou seja, com a alma, a fim de poder diferenciar-se dela. No entanto, é impossível que alguém se diferencie de algo que não conheça. (JUNG, 2008, p. 82)

Essa diminuição de projeções que se dá ao longo da Individuação ocorre pela via do autoconhecimento, à percepção de si mesmo, que pode ser aprimorada através da psicoterapia. O indivíduo torna-se mais autêntico e menos massificado(JUNG, 2008).

Numa sociedade que visa sempre a uniformidade, certos comportamentos não autênticos são elevados para que a ordem seja estabelecida, mas isso não necessariamente denota a algo positivo individualmente.

O Processo de Individuação, como o próprio nome já diz, não é algo que será alcançado em sua plenitude ou que tem um fim, mas é um processo de constante crescimento e expansão da existência, que sempre deve ser estimulado e vivenciado.

## **2.6As interfaces expostas**

Considerando o objetivo estipulado no trabalho, buscaremos em prol da didática a ser apresentada por qualquer publicação de cunho científico, facilitar a compreensão dos resultados coletados e analisados pelos pesquisadores.

O primeiro ponto observado foi a posição mediante o sujeito em terapia, onde tanto o papel de facilitador, conforme descrito por Rogers e explorado no trabalho, e o de mediador, trazido por Jung e previamente descrito, terão por foco **o cliente agindo na terapia**, com a atenta observação e pontos de vistas diferenciados trazidos para a sessão pelo terapeuta buscando potencializar o processo de transformação.

O segundo aspecto em que os pesquisadores verificaram a afinidade entre as teorias, é na **relação entre terapeuta e sujeito em terapia**, onde ambas as teorias demonstram a transferência entre terapeuta-sujeito, onde os



primeiros pontos estabelecidos são necessariamente a relação de confiança, o fortalecimento do vínculo e a criação de ambiente adequado para a terapia ocorrer.

**A tendência inerente a cada indivíduo, de sempre ir além do que se é na atual condição**, de se estar instintivamente em desenvolvimento e transformação, e de que esse desenvolvimento pode ser potencializado através da prática da psicoterapia, demonstra como os dois conceitos em questão estão em sintonia, tendo algo que os perpassa e os engloba, tomando como ponto de partida que Rogers concebe a Tendência Atualizante de maneira inerente ao indivíduo.

Gostaria de ressaltar uma característica final nos indivíduos que passam pelo processo de tendência atualizante. O indivíduo parece mostrar-se mais satisfeito em ser resultado de um processo [...] tendendo na liberdade da relação terapêutica, a aceitar a compreensão de que não constitui uma entidade fixa, e sim o processo de tornar-se pessoa. (ROGERS, 2009, p.138)

Para finalizar as interfaces observadas pelos pesquisadores, é importante colocar que dentro desta busca constante pela reestruturação, o sujeito irá buscar a partir desta reestruturação, **a realização de todas as potencialidades de seu ser**, independente do âmbito em que ele esteja inserido.

### **3 CONCLUSÃO**

Sabe-se que o psiquismo humano tem sido um tema de grande interesse para o homem. Estudado desde os tempos mais remotos tanto pela filosofia quanto pela ciência, sabe-se que nesta trajetória de estudos, recebeu diferentes visões e concepções.

Contudo, um fenômeno facilmente observável é que mesmo ocorrendo em locais distintos e em diferentes momentos históricos, sociais, culturais, políticos e religiosos, os pesquisadores do assunto produziram conhecimentos similares a respeito deste objeto de estudo, demonstrando que apesar das possíveis divergências entre os pensadores, há também convergências significativas que decerto não permitem igualar teorias distintas, mas aproximá-las em certos aspectos e perspectivas.

Há uma série de conceitos e postulações teóricas que mesmo tendo sido nominados de modo diferente, apresentam semelhanças em suas formulações epistemológicas.

O que se pretendeu com esta pesquisa foi descobrir possíveis interfaces entre dois conceitos elaborados por diferentes autores da psicologia, a saber, Tendência Atualizante de Rogers e Processo de Individuação de Jung.

A resposta encontrada após a aproximação com as teorias foi a existência de semelhanças, gerando assim uma possibilidade de diálogo, de aproximação, de intercâmbio entre formas distintas de pensar aspectos da prática psicológica.

Não se buscou neste trabalho, propor um ecletismo ou interacionismo, mas demonstrar que pensadores de diferentes contextos em algum momento tiveram percepções similares acerca do humano.

Se hoje existe um campo, em que é indispensável ser humilde e aceitar uma pluralidade de opiniões que em um primeiro momento são aparentemente contraditório, este campo é o da psicologia aplicada. Isto porque ainda estamos distantes de conhecer a fundo o objeto mais nobre da ciência – a própria alma humana. (JUNG, 2013, p.50)

Em um momento da história da humanidade em que se busca acabar com a intolerância, derrubar barreiras, ampliar horizontes, buscar aproximações, ainda que conceituais, vem ao encontro dessa lógica de oportunizar conexões possíveis e dialogar com as diferenças com o intuito de enriquecer e expandir o conhecimento tanto teórico quanto prático, desmantelando preconceitos e ortodoxias de modo responsável e criterioso.

## **The interfaces between the psychological concepts of Actualizing Tendency and concept of individuation**

**Abstract:** Sustained by the hypothesis that studying the phenomena of human psyche, different authors from different Theoretical Approaches to Psychology, have created and may create concepts that have similarities between each other, even if they belong to different theories, this final paper aims to investigate whether or not there are similarities between the epistemological meaning of Carl Rogers's Actualizing Tendency, and Carl Gustav Jung's concept of individuation. The methodology will be through literature review of the theoretical framework on these theories, addressing other concepts needed to understand the subject in question and obtaining the answers to the research

problem. The answers we found were the existence of interfaces between the concepts, after the data analysis.

**Keywords:** Similarities; Actualizing Tendency; Individuation;

## REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, F. S., SOUZA, A. F. **Humanismo de funcionamento pleno: tendência formativa na abordagem centrada na pessoa: ACP.** Cap. V. Campinas – SP: Alínea, 2008.

DARWIN, C. **A Origem das Espécies.** Cap. VI. 6. ed. Portugal: Planeta Vivo, 2009.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** Cap. 4.2.5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JUNG, C.G. **A Natureza da Psique.** Obras Completas Vol. 8/2. 5.ed. Petrópolis. Vozes, 2000.

JUNG, C.G. **A Prática da Psicoterapia.** Obras Completas Vol. 16/1. 16.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

JUNG, C.G. **Civilização em Transição.** Obras Completas Vol. 10/1. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C.G. **O Eu e o Inconsciente.** Obras Completas Vol. 7/2. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, C.G. **O Livro Vermelho: LiberNovus.** 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C.G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo.** Obras Completas Vol. 9/1. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KINGET, G. M., ROGERS, C. R. **Psicoterapia & Relações Humanas: teoria e prática da terapia não-diretiva.** Vol. 1. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

ROGERS, C. R. **Sobre o Poder Pessoal.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ROGERS, C. R. **Um Jeito de Ser.** São Paulo: E. P. U., 2014.

SILVEIRA, Nise Da. **Jung: Vida e Obra.** 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

TAVARES, M. **Carl Rogers – Uma Trajetória de Vida Inspiradora.** Disponível em: <http://www.carlrogers.org.br/#!/acp/c654>. Acesso em: 06 jun. 2016.

VON FRANZ, M. L.. O Processo de Individuação. In: JUNG, C. G. (org). **O homem e seus símbolos**. 2. ed especial brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.